



PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA EM ESTUDO DO MEIO: POSSIBILIDADES PARA A PROMOÇÃO DA CULTURA CIENTÍFICA NO BAIXO AMAZONAS, BRASIL^º

João Marinho da Rocha¹; Mary Tânia dos Santos Carvalho²; Carmen Lourdes dos Santos Jacaúna³; Augusto Fachín Terán⁴

^{1,2,3} Mestre em Educação em Ciências. Professor da Universidade do Estado do Amazonas-UEA/CESP, Manaus, Brasil.

⁴ Professor do Programa de Pós Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia. Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Manaus, Amazonas, Brasil.

Email: jmrocha.hist@hotmail.com, marytania-sc@hotmail.com, carmen.lfsj@gmail.com, fachinteran@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo discute as possibilidades práticas para a promoção da cultura científica no baixo Amazonas, Brasil. O trabalho foi realizado a partir do subprojeto de divulgação do Patrimônio Cultural e Memória no assentamento Villa Amazonas: um estudo de meio para inclusão social e desenvolvimento da cultura científica em Parintins, AM. Este projeto faz parte do programa de incentivo para novos talentos da CAPES. O público foi composto por professores de história e geografia, alunos do ensino fundamental, associações organizadas de artesãos locais, voluntários, agentes ambientais, professores e educadores da cidade. A coleta de informações foi feita a partir do relato de experiências com e no seio das comunidades, palestras e cursos de curta duração. O resultado dessas atividades indica possibilidade de ser produzido nas comunidades amazônicas, o diálogo de conhecimento com pessoas através de suas experiências e memórias em áreas geográficas locais. Os diálogos entre os conhecimentos produzidos na universidade e os conhecimentos locais, levou ao surgimento de espaços para reflexões sobre patrimônio, memória e construção de uma cultura científica; o que torna possível o aparecimento de espaços e promoção da cidadania nesses locais da Amazônia brasileira.

Palavras-chave: patrimônio cultural; memória viva; Estudo do meio; cultura científica; Baixo Amazonas.

Resumen: Este artículo aborda las posibilidades prácticas para la promoción de cultura científica en el bajo Amazonas, Brasil. El trabajo fue realizado a partir de las actividades de extensión del sub proyecto Patrimonio Cultural y Memoria en el asentamiento Villa Amazónica: un estudio del medio para la inclusión social y el desarrollo de la cultura científica en Parintins, Amazonas. Este proyecto es parte del programa de incentivos a nuevos talentos de la CAPES. El público es compuesto por profesores de historia y geografía, estudiantes de la primaria, asociaciones organizadas de artesanos locales, agentes ambientales voluntarios, profesores y educadores de la ciudad. La recopilación de informaciones fue realizada a partir del relato de experiencias con y dentro de las comunidades, charlas y cursos de corta duración. El resultado de estas actividades indica posibilidades de ser producidos en las comunidades amazónicas, diálogos de saberes con las personas a través de sus experiencias y recuerdos en los espacios geográficos locales. Los diálogos entre el conocimiento

^º Trabalho apresentado no 4º Encontro Internacional de Ensino e Pesquisa em Ciências na Amazônia. Caballo Cocha – Peru, 06 de dezembro de 2014. Tabatinga – Amazonas – Brasil, 08 a 12 de dezembro de 2014 CESTB/UEA.



que es producido en la Universidad y los saberes locales, motivaron el surgimiento de espacios para reflexiones sobre el patrimonio, la memoria y la construcción de una cultura científica; lo que posibilita el apareamiento de espacios de desarrollo y ciudadanía en estos locales de la Amazonia Brasileña.

Palabras clave: Patrimonio cultural; memoria viva; Estudio del medio; La cultura científica; Región del Bajo Amazonas.

INTRODUÇÃO

A Amazônia é “mais falada do que conhecida, mais discutida do que vivida, mais mito do que realidade” (MEIRELLES FILHO, 2003). Ao longo de seu processo Histórico foi inserida numa razão eurocêntrica que a identificou, explicou e a divulgou mundo a fora. Isto nem sempre foi realizado e nem pautada em realidades vividas, mas muitas vezes apenas compartilhadas num imaginário que se fez da região. Desta forma a Amazônia passa a ser tida e entendida, servindo de base para conhecimento sobre o homem, a natureza e as culturas locais.

Loureiro, 2010 ao refletir sobre as novas possibilidades de desenvolvimento na região, indica que a história da Amazônia tem sido uma história de “perdas e danos”, mas que, apesar disso, vivemos hoje num momento fecundo, onde nós mesmos, os amazônidas, ou numa relação de “transescala” podemos nos inserir no bojo das discussões científicas e também dizer sobre esta região.

É nesse cenário de redefinições sobre as visões que se tem de Amazônia que inserimos nosso texto sobre as possibilidades de promoção de uma cultura científica mais responsável, na medida em que dialoga com questões reais ou delas surgidas e não apenas partilhadas num imaginário distante sobre a região e que promove um esforço de encontros de saberes entre as instituições de Ensino Superiores Locais como a Universidade do Estado do Amazonas, a partir do Centro de Estudos Superiores de Parintins (fronteira leste do Estado) como as comunidades rurais do Baixo Amazonas, a partir do assentamento de Vila Amazônia.

Muito se tem falado sobre Divulgação Científica, comunicação pública da ciência como auxiliares ao estímulo da percepção pública desta e consequentemente a promoção de uma cultura científica junto ao grande público. Diante dessa necessidade, pesquisadores, jornalistas, professores tem usando diferentes recursos e processos como também têm promovido ações de divulgação científica junto à sociedade.

Neste trabalho, divulgamos os resultados da experiência de três minicursos e uma Oficina² de cunho Científico produzidos e realizadas por docentes dos Cursos de Licenciatura em História e Geografia do Centro de estudos Superiores de Parintins CESP/ UEA, no âmbito do Subprojeto-Patrimônio Cultural e Memória no Assentamento de Vila Amazônia: um estudo de meio para

² **1** - Minicurso – Noções conceituais de Patrimônio integrado e integral e da produção do Espaço Geográfico: memória, história, identidade e cultura. Realizado na Escola Municipal Tsukasa Uyetsuka, comunidade de Santa Maria de Vila Amazônia (sede do assentamento); **2** - Minicurso - Conceitos de Patrimônio Cultural e Sustentabilidade. Realizado na Escola Municipal Fernando Carvalho, comunidade do Laguiño (fronteira com o Estado do Pará); **3**- Minicurso - Patrimônio Arqueológico local e regional com ênfase para a Educação Patrimonial e produção do espaço geográfico. Realizado na escola Municipal Marcelino Henrique – Comunidade Santa Rita de Valéria (fronteira com o Estado do Pará); **4**. Oficina Pedagógica- Contação de histórias na recriação do espaço geográfico: identificando fontes, recontando histórias. Realizada em Parintins, na UEA com presença de quarenta alunos e dez professores vindos do assentamento Vila Amazônia. A atividade fez parte do encerramento da X Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do CESP.



inclusão social e desenvolvimento da Cultura Científica em Parintins-Am., com objetivo de fazer Divulgação Científica de conhecimentos articulados que possibilitassem a relação das pessoas com os vestígios do passado. Nessas atividades abordamos Conceitos de Patrimônio Cultural e Sustentabilidade, popularizando que Patrimônio Cultural são também as coisas do dia a dia, coisas promovidas por estes, que estão ativamente trabalhando no lugar, intervindo na história no presente e na vida das pessoas. Considerando que, na Amazônia nós não distinguimos o ambiental do humano.

Afirmamos tal pressuposto apoiados em Vogt (2011), pois este, apresenta a dinâmica da produção da ciência na representação de espiral da cultura científica para assim mostrar que, por meio da espiral a ciência pode “disseminar-se e tornar-se cultura científica” (p. 112). Segundo Vogt a visão de realidade da população pode ser potencializada e direcionada para não apenas mais objetividade sobre assuntos científicos, mas também para a sensibilidade de entender melhor qual a função da ciência para a vida humana e o bem estar social.

Nesse contexto as atividades referentes às oficinas e minicursos ao tempo em que buscaram fortalecer o reconhecimento do Patrimônio Cultural e Memória no Assentamento de Vila Amazônia. Buscam também, a promoção de uma cultura científica alicerçada nos princípios do protagonismo social. Sendo necessário, portanto, a utilização do procedimento Estudo de Meio como metodologia de acesso (às pessoas, sujeitos do lugar) aos conhecimentos locais, da história local e por meio desse caminho conhecer como se deu e como se dá a produção do espaço naquele lugar. Por meio de noções conceituais de Patrimônio cultural e memória; Patrimônio Arqueológico local e regional com ênfase para a Educação Patrimonial e desenvolvimento da Cultura Científica; Conceitos de Patrimônio Cultural e Sustentabilidade com ênfase na produção do espaço geográfico, conduzimos o nosso diálogo com os comunitários, as ações foram desenvolvidas simultaneamente pelos três professores do CESP/ UEA no espaço social destas comunidades.

Por fim, nesse encontro de saberes destacamos um ponto de relevância prioritário de nossa contribuição junto à comunidade externa (os participantes das oficinas e minicurso): Ter ensinado os envolvidos no projeto a ver que todos os elementos físicos e sociais que compõem o patrimônio cultural do local são depositários da memória e fontes para a construção da história do lugar.

Quanto ao que aprendemos com estes, consideramos de importante relevância acadêmica ter nos preparando para ministrar a oficina, oportunizando o aprofundamento bibliográfico para garantir o entendimento sobre o tema patrimônio cultural, identificando- o como objeto de estudo em seus múltiplos aspectos, recorrendo a novas fontes e autores na busca de estabelecer uma cultura científica entre professores e alunos do P. A. Vila Amazônia e na prática ter vivenciado cada etapa deste processo.

Quanto ao Estudo de Meio como procedimento metodológico, enfocando a ciência como forma de cultura, este viés nos deu as possibilidades de enriquecimento da área de divulgação científica a partir da integração de conhecimentos entre profissionais almejando inclusão social e desenvolvimento da cultura científica por meio dos conceitos científicos sobre os temas trabalhados. Como já afirmou Chassot (2006), esse discurso sobre a ciência para que sua percepção pública de fato tenha sentido e significado, é fundamental que a alfabetização científica enquanto conjunto de conhecimentos articulados sobre determinados temas facilitem aos homens e mulheres fazer uma leitura do mundo onde vivem. Por outro lado e, em consonância com esse dizer, acreditamos que o discurso da divulgação científica deve contemplar os mais diversos públicos, considerando aspectos culturais, sociais, econômicos e as distintas faixas etárias.



DA UNIVERSIDADE AO PROJETO DE ASSENTAMENTO: O Diálogo de saberes como caminho para a construção da Cultura Científica.

Nossos processos de vida e profissional com e nas áreas rurais possibilitaram maior sensibilidades para as questões que afligem esses espaços e também para a visualização de elementos potencias nelas presentes para superar condições construídas por uma História que os retirou as identidades e capacidades de reconhecer como sujeitos de seus processos históricos.

Uma dessas potencialidades para Alfabetização científica está no diálogo entre saberes que promovem processos de fortalecimento do potencial de tais comunidades quando fazem uso correto de um de seus patrimônios culturais como é o caso das memórias orais para construir sentidos e significados para os seus processos históricos fortemente contaminados por lutas individuais ou coletivas pela terra, seu uso racional, pela educação para suas crianças, jovens e adultos, enfim pelas melhorias de suas vidas ali naqueles espaços onde o Estado teima em falhar.

É extremamente significativo para sedimentar tais processos de Alfabetização ações como a que desenvolvemos no assentamento de Vila Amazônia. O sair da Universidade para “discutir e não dar curso” sobre patrimônio cultural e memória para homens, mulheres dessas comunidades na fronteira leste do Estado do Amazonas, é abrir inúmeras janelas de diálogos, janelas que dão para espaços de busca por autonomia e cidadania dos grupos com que conversamos e refletimos sobre Patrimônio cultural e memória. Esses diálogos entre saberes ditos acadêmicos por serem levados da dita academia e os saberes locais dessas gentes que por inúmeros motivos demoram a ver em nós da universidade como “gente normal”, que fala e entende os seus silêncios, suas linguagens apresentadas para explicar seu mundo natural quando falam sobre sustentabilidade ou patrimônio cultural sem utilização de conceitos, mas contando a seu modo para nós e os sujeitos da escola local que até então não haviam dialogado, o que vivem/viveram? O que sentem/sentiram? E o que aprendem/aprenderam em suas vidas nesses espaços onde vivem.

Nesses processos de escutas e falas aparecem sujeitos carentes de articulação dos demais saberes como os escolares para promoção de processos maduros de entendimentos de suas realidades locais. Vemos com isso o quanto às áreas rurais amazônicas ainda carecem de Alfabetização Científica e também como são ricas em elementos que podem ser utilizados como facilitadores nesse processo científico, tão necessário para o desenvolvimento humano e social nestas partes do Brasil.

Ações de Extensão como a que estamos promovendo por comunidades do Assentamento de Vila Amazônia podem contribuir no processo de produção do conhecimento científico no Baixo Amazonas e transposição do mesmo para a promoção do homem amazônico. Então, pensa-se que através de uma Alfabetização Científica pode esse homem articular-se melhor na busca de condições para uma vivência cidadã em seu próprio meio rural.

Esse movimento que nos leva para o campo da indicação dos saberes locais amazônicos como uma das possibilidades a ser considerada pela escola formal das áreas rurais amazônicas no esforço de auxiliar a Alfabetização Científica em tais áreas encontra amparo em autores como Gerrtez (2009), Loureiro (2009), Orlovsky & Brush (1996), Pozo & Crespo (2009), Santos (2005), Alcântara & Fachín-Terán (2010), Cunha & Almeida (2002), Almeida (2010). A educação nessas áreas não pode mais ser realizada sem considerar esse indicativo de diálogo no processo de Educação.



Segundo Loureiro (2009, p.151).

As populações locais da Amazônia sempre se valeram dos conhecimentos acumulados secularmente sobre a biodiversidade do meio em que vivem. Desenvolveram um amplo conhecimento a partir da vivência e da estrita relação com a natureza, com a qual se sentem integrados, sem considerá-la como um simples recurso natural a ser explorado economicamente. Inúmeros produtos medicinais e outros foram sempre produzidos por índios, caboclos, negros de quilombos e outras populações tradicionais, sem estes dessem conta da importância econômica dos mesmos; integravam-nos (e os integram) em suas vivências cotidianas como elementos vivos da cultura. E esses conhecimentos funcionam com eficácia para boa parte dos fins que se destinavam.

A partir dos anos 1990 as ciências sociais, especialmente dos Estados Unidos, desenvolveram um movimento intelectual de reconhecimento, estudo e valorização dos conhecimentos das populações tradicionais, (Idem, 2009). Isto nos leva para a responsabilidade social do fazer Ciência na Amazônia. Uma Ciência que possa fazer cada vez mais para os homens, uma Ciência que como nos lembra Santos (2005), deve constituir-se em senso comum no sentido de se fazer entendida e útil para a sociedade. Nesse movimento de mudanças paradigmáticas a respeito das visões postas sobre as populações tradicionais³, trazendo-as para próximo das discussões científicas, auxiliando seu olhar para o mundo por meio do olhar científico é que recorreremos a Orley & Brush, 1996 In: Loureiro, (2009, p.152) quando lembram que,

Os pesquisadores sociais têm procurado empenhar-se, nos últimos anos, em realizar um minucioso processo de escavação nos fundamentos filosóficos da modernidade ocidental em busca de princípios, valores e saberes que ficaram esquecidos, menosprezados ou soterrados sob os conceitos de progresso e de ‘moderno’. Em meio às grandes revelações processadas estão os conhecimentos das populações tradicionais sobre biodiversidade e de natureza em geral, muitos agora restaurados – como a agricultura biológica e incontáveis outros que eram, até recentemente, considerados arcaicos – e que voltaram a ser valorizados como recursos para proporcionar uma vida mais saudável, corrigindo problemas criados pelo emprego abusivo da ciência moderna pelo mercado em busca de lucro. Os estudos que cientistas sociais têm procurado trazer à tona com bases nos saberes tradicionais têm servido também a outros fins, tais como: argumentação na defesa do território de populações tradicionais ao vincularem natureza e cultura à sobrevivência desses grupos sociais; defesa da identidade, do respeito à diferença, dos direitos humanos, ou quando grupos ou movimentos se mobilizam reclamando justiça social.

Por todo o exposto é que indicamos a necessidade da consideração dos saberes tradicionais amazônicos pelo espaço escolar no processo educacional do campo em áreas rurais amazônicas. Esse movimento pode ajudar a potencializar melhores entendimentos e compreensões de si e da

³“As populações contemporâneas da Amazônia” são compostas de grupos sociais urbanos e rurais heterogêneos do ponto de vista da situação econômica; de sociedades e comunidades indígenas de distintos e diversos modos de adaptação e articulação histórico-cultural; de grupos isolados remanescentes de fricções inter étnicas e de arranjos próprios de sobrevivência com a sociedade colonial; e, ainda, de grupos e contingentes populacionais deslocados para a região por mecanismos governamentais, privados e confessionais e por migrações internas e externas, independentes ou promovidas por fluxos de exploração econômica ou reajustes institucionais na Amazônia. Os amazônidas contam sua história: territórios, povos e populações (FREITAS & SILVA. In: Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente. Manaus, Amazonas, 2009).



coletividade proporcionadas pela Educação Científica e mais, contribuir para que as crianças das séries iniciais das escolas do Baixo Amazonas a pensar-se como parte deste meio e, por isso mesmo, inserir-se cada vez mais no processo de cuidado com os recursos naturais amazônicos e por consequência buscar melhorias para suas vidas.

Compreender como ocorre a dinâmica ecológica, os processos de sustentabilidades e o que seria o patrimônio cultural do meio onde estão inseridas, pode ajudar tais crianças no processo de Alfabetização Científica nas séries iniciais das escolas. Apontamos aqui um dos elementos que podem facilitar essa compreensão que é considerar os saberes adquiridos pelos alunos fora da vida escolar.

Em suas vivências diárias as crianças dessas comunidades rurais amazônicas também vão experimentando os hábitos dos mais velhos e aprendem dessa forma as práticas coletivas da comunidade. Na pesca com os pais, por exemplo, aprendem tanto as técnicas de manuseio dos instrumentos necessários para a atividade, como sobre as espécies aquáticas, onde passam a conhecer os processos de captura das variadas espécies, os locais de concentração das mesmas, assim como a época de maior ou menor incidência, além de conhecer o tipo de alimentação adequada de cada uma delas.

Esse quadro teórico é amplamente complementado por Loureiro (2009, p.153) quando indica que,

Populações tradicionais identificam, designam e classificam as inúmeras espécies vegetais segundo utilização como alimento, uso medicinal, como corantes para pinturas e inúmeros outros. Coletam frutos, raízes, sementes, experimentam variedades e, sobretudo, trocam experiências com outros grupos e garantem assim a conservação da variedade da natureza. O mesmo se aplica à fauna e aos ecossistemas, entendidos como um todo integrado [...].

As crianças das áreas rurais amazônicas chegam aos espaços da escola formal com toda essa bagagem de vivências cotidianas passadas de geração a geração. Vivências tais que podem facilitar suas compreensões de mundo a partir da Ciência. Portanto, ressaltamos que não queremos entrar nas discussões se esses saberes são ou não verdadeiros, sustentados, positivos ou coisa do tipo, mas tão somente mostrar que podem sim facilitar na construção do já evidenciado processo educacional no contexto do campo nas séries iniciais. Nessa direção Rocha & Fachín-Terán (2010) indicam que o convívio das crianças dessas comunidades com o meio possibilita-lhes vivências que, no confronto com o conhecimento científico pode facilitar a aprendizagem da ciência.

Cunha & Almeida (2002) ao fazer um estudo em comunidades do Alto Juruá também concordam que as crianças da zona rural antes de adentrarem a escola formal já têm noções de inúmeros conceitos necessários para práticas de seu dia-a-dia que devem ser redimensionados no espaço escolar. Dominam a seu modo conceitos referentes à sua sobrevivência diária, conhecem tipos de fauna, flora, alimentação de animais, suas respectivas localizações a partir das vivências com os mais idosos. Frente a esta realidade, cabe à escola formal do campo aprender cada vez mais a ensinar nessa lógica de diálogo e respeito aos saberes e espaços existentes onde está inserida. Quando acreditar nesse movimento com mais seriedade poderá a escola do campo contribuir para o fortalecimento de processos de Educação Científica dos ditos “povos da floresta”.

Tal postura esperada por parte da escola formal aponta, no entanto, para a necessidade urgente da superação de uma velha prática docente, estritamente presa nos manuais contidos nos livros didáticos, muitas vezes sem contextualização com o ambiente amazônico e onde os saberes



não são considerados pela escola no momento do ensino. É bom lembrar ainda que quando dizemos considerados, afirmamos apenas que tais saberes devem ser um dos pontos de partida para facilitar o processo de ensino científicos nessas áreas do Baixo Amazonas.

DOS MINICURSOS E DAS OFICINAS SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA EM ESTUDOS DO MEIO: Possibilidades para a promoção da Cultura Científica no Baixo Amazonas-Brasil.

As atividades mencionadas nesta seção visaram reunir diferentes saberes para discussão das potencialidades patrimoniais não consagradas nesta parte do Baixo- Amazonas, bem como contribuir com a formação de profissionais com uma visão mais crítica sobre o campo da alfabetização científica. Durante os encontros foram abordadas questões inerentes a conceituações de Patrimônio Cultural Integrado e Integral, Patrimônio Natural entre outros, por meio de um enfoque histórico e geográfico até as perspectivas futuras; ensino de ciência, sociedade e cidadania; o papel ético da socialização do conhecimento; além de suscitar e debater os meios que se propõem de alguma forma a divulgar e popularizar o conhecimento científico como: as feiras e mostras de ciência que também ocorrem neste lugar e, os espaços não formais de aprendizagem, entre eles os institucionalizados e os não institucionalizados, como é o caso dos sítios arqueológicos encontrados nesta região a “céu aberto.”

O trabalho que possibilitou o conhecimento de noções conceituais de patrimônio integrado e integral e da produção do espaço geográfico foi de fundamental importâncias para que aqueles possam lançar mão de um conhecimento que provem de uma História de longa duração, como é o caso do Patrimônio Arqueológico local, para tanto, nesta etapa, deu-se ênfase para a Educação Patrimonial e produção do espaço geográfico, pois como já afirmamos é uma história de longa duração, com 11 mil anos de ocupação na Amazônia, em diferentes formas de apropriação do espaço e escala de tempo da mais próxima à mais antiga. Cujas tecnologias e técnicas de manejo já se perderam. No entanto a ação destas pessoas está presente nestes sítios arqueológicos, nos monumentos, na continuidade de saberes.

Ao analisarmos o processo de elaboração dos minicursos e das oficinas, destacamos a atenção dispensada pelos alunos a algumas questões como: A vida, nosso primeiro patrimônio (Conhecendo a minha história através da árvore genealógica); Os bens culturais e suas histórias (A importância do patrimônio local e a diversidade a partir da memória dos alunos); Uma caminhada diferente: Visitando, observando e fotografando. Sendo atividades voltada para o público escolar infanto- juvenil (de 8º e 9º anos do Ensino fundamental), houve uma preocupação em buscar um suporte pedagógico para subsidiar alguns aspectos destas atividades dentro do próprio projeto, o auxílio em campo de 45 acadêmicos voluntários dos cursos de História e Geografia CESP/ UEA, foi fundamental, pois como já afirma Castelfranch (2008), a percepção das crianças e de outros ‘públicos’ específicos podem representar estudos interessantes e mostrar aspectos menos visíveis da cultura científica e do papel que esta tem na sociedade como um todo.

Outro aspecto contemplado pelos professores proponentes do projeto de extensão e realizado por estes, foi o trabalho com os mediadores, (público composto por professores de História e Geografia, lideranças comunitárias, agentes ambientais voluntários entre outros), os quais receberam os minicursos e as oficinas, informações sobre os objetivos do projeto e Palestras com convidados oriundos de outras instituições como Museu Goeldi, AMAZONASTUR e outros especialistas a fim de discutir as peculiaridades da história e da cultura do lugar. Assim, a mediação



com aqueles constitui-se num importante elemento para o aproveitamento das potencialidades da memória do lugar, da produção do espaço, da cultura e dos saberes. Nesse sentido, Bonatto (2007), diz que os veículos ou ferramentas dessa mediação podem ser textos, som, vídeos, multimídias ou a ação humana traduzida em conversas, explicações ou propostas de atividades, como as quais mencionamos aqui:

Minicurso 1 - Noções conceituais de Patrimônio integrado e integral e da produção do Espaço Geográfico: memória, história, identidade e cultura. Realizado na Escola Municipal Tsukasa Uyetsuka, comunidade de Santa Maria de Vila Amazônia (sede do assentamento);

Minicurso 2 - Conceitos de Patrimônio Cultural e Sustentabilidade. Realizado na Escola Municipal Fernando Carvalho, comunidade do Laguiño (fronteira com o Estado do Pará);

Minicurso 3 - Patrimônio Arqueológico local e regional com ênfase para a Educação Patrimonial e produção do espaço geográfico. Realizado na escola Municipal Marcelino Henrique – Comunidade Santa Rita de Valéria (fronteira com o Estado do Pará);

Oficina Pedagógica 4 - Contação de histórias na recriação do espaço geográfico: identificando fontes, recontando histórias. Realizada em Parintins, na UEA com presença de quarenta alunos e dez professores vindos do assentamento Vila Amazônia. A atividade fez parte do encerramento da X Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do CESP.

De uma maneira geral, a divulgação científica aqui promovida, se enriquece com a compreensão da inerente relação entre ciência com a perspectiva de protagonismo social e promoção de uma cultura científica, pois permite atrelar a dimensão da ciência a outras expressões culturais em circulação, bem como abre possibilidades de divulgar o conhecimento científico a todos os grupos sociais pertencentes ao P.A. Vila Amazônia, faixas etárias e classes sociais, como forma de minimizar a desigualdade preexistente na sociedade, que separa o grande público não especializado dos especialistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para responder às demandas do presente, as produções em História e Geografia tem se concentrado em diversas modalidades de apropriação do conhecimento, revelando também uma grande preocupação com a representação e a construção das identidades sociais, numa relação renovada entre **História- espaço e memória**, trazendo à tona experiências da dimensão humana e das suas interfaces com a vasta rede de relações que reúne a sucessão dos eventos físicos, o movimento da sociedade e o curso de uma vida individual num longo processo de aprendizagem que envolve a relação dos sujeitos com o seu meio ambiente.

Partindo desse pressuposto de nossas áreas de conhecimento, compartilhamos pela prática vivenciada uma afirmação de Caldas (2010), quando esta afirma que, a educação científica da população é quase inexistente, crianças, jovens e adultos leem muito pouco, outros, entendem muito pouco o que leem. E na maioria das vezes o encontro dessas duas realidades é posto na invisibilidade por aquele segmento que deveria prover condições necessárias à emancipação destes sujeitos. Por outro lado, no âmbito da oficina de cunho científico, foi justamente esse contexto que definiu voltar as ações do subprojeto para o protagonismo social e desenvolvimento de uma cultura científica através do uso de diferentes recursos técnicos e processos que mediassem nosso comunicação com aqueles.

Contudo, diante do contexto acima exposto, a pretensão da formação de uma Cultura Científica é um compromisso desafiador que perpassa a compreensão da cultura local permeada



pela complexidade abrangente da contemporaneidade, tendo a ciência como elemento integrante é ao mesmo tempo distante.

Dessa realidade vivenciada, não nos desanima o paradoxo regional riqueza- pobreza; grandiosa biodiversidade- pouco financiamento para pesquisa entre outros. Dito de um outro modo, uma região de grandes carências estruturais, não se pode deixar na invisibilidade vulnerabilidades geradas por problemas sociais e ambientais.

Enfim, a experiência da elaboração dessas atividades (três minicursos abordando questões conceituais de patrimônio e Memória e uma oficina com ênfase na a educação patrimonial, sustentabilidade e desenvolvimento da cultura científica por docentes dos cursos de História e Geografia- CESP/UEA). É uma forma de contribuir para com a formação científica destes sujeitos, contemplando os espaço de educação não formal encontrados nas comunidades mapeadas para realização das oficinas e minicursos do referido Subprojeto. Nossa finalidade ao desenvolver atividades de educação científica e de popularização da ciência, pautam-se em contribuir com a formação inicial de licenciandos de História e Geografia e formação contínua de docentes de escolas municipais dessa localidade, por meio da interação com os comunitários, lideranças comunitárias sob o viés translacional ciência e cultura, História e Geografia, com perspectivas futuras de encampar um processo consistente de uma cultura científica.

REFERENCIAS

ALCANTARA, Maria Inez Pereira de; FACHÍN-TERAN, Augusto. **Elementos da Floresta:** recursos didáticos para o ensino de ciências na área rural amazônica. Manaus/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2010.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

BARRETO FILHO, Henyo T. Populações tradicionais: introdução à crítica da ecologia política de uma nação. In: **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade.** (Eds. Cristina Adams, Rui Murrieta e Walter Neves). São Paulo, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

BONATTO, P. M. O.; SEIBEL, M. I.; MENDES, I. A. A ação mediada em museus de ciências: o caso do Museu da Vida. In: **Diálogos & Ciência.** MASSARANI, L. MERZAGORA, P. R.; RODARI, P. (org.). Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2007.

CALDAS, Graça *et. al.* **Divulgação Científica no Brasil: formação e prática.** UNICAMP, 2006.

CASTELFRANCH, Y.; MANZOLI, F.; GOUTHIER, D.; CANNATA, I. O cientista é um bruxo? Talvez não: ciência e cientistas no olhar das crianças. In: **Ciência e criança: a divulgação científica para o público infanto- Juvenil.** MASSARANI, L. (ed.) Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz, 2008.

CHASSOT, A. **Alfabetização Científica: questões e desafios para a educação.** 4. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006. Cap. 1 p. 38-40.

CUNHA, Manuela Carneiro da e ALMEIDA, Mauro Barbosa de (Orgs.). 2002. **Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações.** São Paulo: Cia. das Letras. 735p.



GEERTZ, Clifford. **O saber Local**: novos ensaios em antropologia interpretativa; Tradução de Vera Mello Joscelyne. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LOUREIRO, Violetta Reflalefsky. **A Amazônia no século XXI**. Novas fronteiras de desenvolvimento. São Paulo: Editor Empório do Livro, 2009.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Gómez. **A aprendizagem e o ensino de ciências**: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. Tradução Naila Freitas. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ROCHA, João Marinho; FACHÍN-TERÁN, A. O Projeto Manejo de Quelônios Amazônicos “Pé-de-Pincha” e sua contribuição na Educação Científica em duas comunidades ribeirinhas do assentamento agrícola Vila Amazônia, Parintins – AM. In: **Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – VII ENPEC**- Campinas, SP. 2011

ROSS, J. **Geografia do Brasil**. 4. ed. Editora EDUSP, São Paulo, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

VOGT, C. **Ciência e bem-estar cultural**. Com Ciência, [s.1.], jun. 2010. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagem/cultura/cultura01.shtml>.> Acesso em: fev. 2012.